

## **A CRIATIVIDADE EXPANDIDA DE EDLA VAN STEEN: O CASO DAS ARTES VISUAIS**

*THE EXPANDED CREATIVITY OF EDLA VAN STEEN: THE CASE OF VISUAL ARTS*

**Wallace Rodrigues**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
[walacewalace@hotmail.com](mailto:walacewalace@hotmail.com)

---

### **Resumo**

Este escrito busca compreender o trabalho da artista Edla van Steen a partir do que concebemos como criatividade expandida. Focamos em sua lida com as artes visuais enquanto galerista e nos importantes e vários artistas escolhidos e expostos na Galeria Múltipla de Arte, em São Paulo, no período em que lá esteve. Esse artigo tem caráter analítico/reflexivo e apoia-se em uma pesquisa em jornais e livros. Nossos resultados mostram van Steen enquanto uma criadora multifacetada, de caráter coletivo e com um atento gosto estético para as artes visuais que poderiam ser facilmente reproduzidas, viabilizando um maior acesso aos trabalhos de artes.

**Palavras-chave:** Criatividade expandida; Galeria Múltipla de Arte; Artes visuais.

### **Abstract**

This paper seeks to understand the work of the artist Edla van Steen from what we conceive as expanded creativity. We focused on her work with the visual arts as a gallery owner and on the importance of the various chosen artists exhibited at the Multiple Art Gallery in São Paulo during her time there. This paper has an analytical/reflective character and is based on research in newspapers and books. Our results show van Steen as a multi-faceted creator, of collective character and with an attentive aesthetic taste for the visual arts that could be easily reproduced, allowing greater access to the arts.

**Keywords:** Expanded creativity; Multiple Art Gallery; Visual arts.

## Introdução

Este artigo busca refletir sobre a atividade de Edla van Steen (1936-2018) enquanto galerista na Galeria Múltipla de Arte, em São Paulo. Buscamos pensar como van Steen envolve-se tão profundamente com o mundo das artes visuais brasileiras e latino-americana através das exposições promovidas na referida galeria.

Conhecemos Edla van Steen enquanto escritora. No entanto, ela foi uma artista completa: foi atriz de cinema, radialista, biógrafa, galerista, escritora de vários gêneros textuais, apoiadora de novos talentos, entre tantas outras atividades.

Ainda, vale dizer que esse texto tem um caráter analítico/reflexivo e baseia-se em uma bibliografia escolhida sobre artes, em reportagens de jornais e em entrevistas concedidas por van Steen para vários meios de comunicação.

## Edla van Steen na Galeria Múltipla

Vale começar o desenvolvimento deste texto explicando que entendemos criatividade expandida como uma forma de criação artística que necessita de abarcar várias áreas das artes: artes visuais, literatura, teatro, dança, etc. As pessoas detentoras de uma criatividade expandida não conseguem expressar-se plenamente somente em uma área do saber artístico, mas necessitam de múltiplos campos de ação dentro das artes para passarem suas mensagens da maneira mais completa possível.

Alcídio M. de Souza nos informa que: “[...] apesar das diferenças dos meios materiais empregados por pintores, escultores, arquitetos, poetas, músicos, cineastas e outros artistas, para comunicar suas ideias, há qualidades comuns em todas as obras de Arte” (1970, p. 53). E é nesse sentido que pensamos a criatividade expandida: como uma maneira de encontrar o que há de comum entre todas as artes e utilizar esse recurso em favor do trabalho artístico executado.

Algumas pessoas detêm essa habilidade perceptiva e a utilizam em suas obras. E Edla van Steen era uma dessas pessoas com grande criatividade expandida, pois

conseguiu produzir com qualidade em várias áreas das artes. Enquanto escritora, ela nos diz que: “Transito entre o conto, o romance e as peças de teatro, mas não sei escrever poemas nem crônicas, apesar de ser leitora assídua dos gêneros” (VAN STEEN in PORTELLA, 2013).

Luciano Gonçalves e Rodrigo Simon nos dão alguns dados importantes sobre Edla van Steen e que são fundamentais para nosso texto e para nossa articulação de pensamentos. Eles nos dizem:

Nascida em Florianópolis, em 1936, aos 24 anos foi a primeira brasileira a ganhar um prêmio internacional de cinema. Por seu papel em “A Garganta do Diabo” (1958), de Walter Hugo Khouri, o júri, presidido pelo diretor Roberto Rosellini, deu a ela o prêmio de melhor atriz no Festival Cinematográfico Latino Americano de Santa Margherita, na Itália. Nas artes plásticas, em 1973, fundou, em São Paulo, a galeria Múltipla, responsável por expor trabalhos de, entre outros, Amílcar de Castro, Nelson Leirner, Darel e José Luis Cuevas. Ainda nas artes visuais, é autora dos livros “O Mundo Mágico de Marcelo Grassmann: 70 Anos” e “Poetas da Forma e da Cor”. (GONÇALVES; SIMON, 2018, s/p)

A partir da passagem anterior, notamos que as artes visuais entram na vida profissional de van Steen através do cinema. A partir daí ela vai para o mundo das artes plásticas, através de seu trabalho na Galeria Múltipla e da escrita dos livros “O Mundo Mágico de Marcelo Grassmann: 70 Anos”, de 1995, e “Poetas da Forma e da Cor”, de 1997.

Vemos que van Steen conseguia promover o encontro de várias artes em sua pessoa, tornando-se uma catalisadora artística, reunindo não somente trabalhos estéticos os mais variados, mas pessoas as mais interessantes na cena artística brasileira. Uma dessas vertentes artísticas intensamente incentivadas por Edla van Steen foi a das artes visuais, como já observamos.

Sobre as artes visuais, Alcídio M. de Souza nos remete a sua dimensão de realização da humanidade, relatando seu caráter comunicacional e de transcendência (assim como no teatro, no cinema, na literatura e entre tantas outras artes):

Para comunicarmos nossas ideias e sentimentos, utilizamos vários tipos de

linguagem. As artes visuais constituem um deles. Como instrumento de expressão pessoal, a obra de Arte não está apenas destinada a auto-revelação ou, em outras palavras, não se ocupa exclusivamente das emoções e pormenores particulares da própria vida do artista. Abarca, sim, em sentido mais amplo, uma visão pessoal dos objetos e acontecimentos comuns a toda a Humanidade. Situações tais como o amor, a morte, a doença, a fome, a guerra, a alegria, além de outras, constantemente são e foram temas de obra de Arte. Salvam-se, entretanto, do lugar-comum e da banalidade exclusivamente pelo enfoque original que o artista lhes emprega. (SOUZA, 1970, p. 54)

Ainda, Edla van Steen buscou popularizar os trabalhos de artes visuais de artistas nacionais e internacionais renomados. Paula Alzugaray (2018) nos diz que:

Em sua passagem pelas artes visuais, Edla van Steen foi pioneira. Associada à artista Teresa Nazar, dirigiu, de 1972 a 1977, a Múltipla, primeira galeria de arte brasileira dedicada a múltiplos, peças originais idênticas, atreladas a um conceito essencialmente político: a democratização da arte através da multiplicação das obras, em que os custos de produção são diluídos na tiragem. (ALZUGARAY, 2018, s/p)

A partir da passagem anterior, não temos como não pensar no filósofo Walter Benjamin e em suas teorias quando predizia sobre como a reprodutibilidade das imagens ajudariam na disseminação das obras de arte. Nesse sentido, a Galeria Múltipla detinha papel fundamental no processo de dar acesso às artes visuais para o público em geral.

Décio Pignatari, a partir dos pensamentos de Benjamin, falando sobre a questão da retirada da “aura” dos objetos de arte através da reprodução desses, diz-nos que:

Segundo Walter Benjamin, com as novas possibilidades de reprodução técnica, a obra de arte perde a sua “aura” quase religiosa de produto autêntico e “único” responsável pelo verdadeiro ritual que constitui a apreciação artística. A partir daí, tem início a reversão do sistema de consumo da obra de arte: não é mais o espectador que vai ao objeto, mas o objeto que vai ao espectador. Com o aparecimento da primeira arte industrial autônoma – o cinema – consequência histórica da arte fotográfica – os limites da arte começam a romper-se, num processo que perdura até nossos dias, com o desenvolvimento do desenho industrial e com a cultura de massas vinculada através da *mass media*: jornais, revistas, rádio, cinema, televisão, processos de gravação sonora. (PIGNATARI, 1997, p. 71)

Como vemos, a partir da citação anterior, muitos objetos de arte vêm até nós a

partir da reprodução de seus originais e a Galeria Múltipla parecia comprometida com essa socialização dos trabalhos de arte através da escolha de técnicas artísticas de fácil reprodutibilidade, como veremos mais adiante.

Obviamente sabemos que uma galeria de arte (um cubo branco) é ambiente intimidador para a maioria dos transeuntes, pois liga-se a uma arte executada basicamente para as elites. No entanto, uma galeria de artes pode ser pensada, também, como um lugar de sociabilidades e de encontros com os objetos de arte. Nesse sentido, a multiplicação das obras funciona como um mecanismo de democratização da arte e dos espaços expositivos das galerias.

A Galeria Múltipla fez exposições de muitos artistas plásticos importantes até hoje, colocando-se como um espaço “antenado” com a atualidade artística de seu tempo. Alguzaray, relatando sobre alguns artistas que expuseram na galeria, informa-nos que:

A exposição inaugural Múltiplos Brasileiros (1972) trazia trabalhos de uma turma da experimentação pesada que incluía Aloisio Magalhães, Amélia Toledo, Amílcar de Castro, Anna Bella Geiger, Claudio Tozzi, Edo Rocha, Flavio Império, Lothar Charoux, Luiz P. Baravelli, Mario Cravo Neto, Nicolas Vlavianos e Nelson Leirner, com nada menos que os múltiplos da série Homenagem a Fontana, de 1967. Depois viriam mostras individuais de Fernando Lemos, Tomoshigue, Fayga Ostrower, Morellet e Marcelo Nitsche, entre outros. Entre os estrangeiros, o mexicano José Luis Cuevas, “geração da ruptura” com o muralismo, e o franco-argelino Fred Forest. (ALZUGARAY, 2018, s/p)

A “Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras” nos deixa ver algumas das exposições realizadas na Galeria Múltipla: Frans Krajcberg (em 1972), Fernando Lemos (em 1973), Flávio Império (em 1974), José Luis Cuevas e Marcelo Grassmann (em 1974), Tomoshige Kusuno (em 1974), Renina Katz (em 1974), Fayga Ostrower (em 1975 e 1977), Mario Cravo Neto (em 1977), entre outros artistas que expuseram seus trabalhos na galeria.

Vale notar não somente a importância dos artistas escolhidos, mas uma certa preferência por artistas gravuristas, como Renina Katz, Fayga Ostrower, Marcelo Grassmann, José Luis Cuevas, entre outros, e fotógrafos como Mario Cravo Neto, Fernando Lemos, etc.

Notemos que a gravura e a fotografia são duas técnicas artísticas de fácil reprodução e que poderiam realmente democratizar o acesso a trabalhos artísticos de profissionais reconhecidos nessas áreas. Nesse sentido, o desejo de Edla van Steen e Teresa Nazar reflete aquilo que o filósofo Walter Benjamin já previa. Portanto, expor artistas que trabalham com técnicas que podem oferecer grandes tiragens de trabalhos facilitava em cumprir com o anseio de “democratização da arte através da multiplicação das obras”, como nos informou Alzugaray.

Também, Assis Brasil, falando sobre o valor artístico das fotografias na atualidade, relata-nos um pouco sobre o percurso dessa forma de arte:

[...] existe a fotografia criativa, cujos valores estéticos nada têm a ver com a pintura, paralelo que faz sempre entre uma e outra. (...) muitos fotógrafos-artistas existem hoje e desenvolvem uma linguagem diferente das fotografias comuns dos amadores e ela mesma tem influenciado muitos movimentos artísticos, quer em montagens, colagens, de artistas “conceituais”, “pops” ou “psicodélicos”. Por trás, os surrealistas como Magritte e Max Ernest, fizeram uso da fotografia, ou parcial ou inteiramente, como Duchamps e Dali. (BRASIL, 1984, p. 101)

Pensando a partir da passagem anterior, verificamos que os pensamentos de van Steen sobre popularizar a fotografia e a gravura iam de encontro a uma vanguarda educativa da época em formar artisticamente através do sensível. E em um país como o nosso, onde as artes são pouco valorizadas pelas classes com menor acesso à educação e à cultura (por não compreenderem sua importância), a tentativa de democratizar o acesso às obras de arte, mesmo que por vias da reprodução, é, por si só, louvável. A arte-educadora Ana Mae Barbosa, informa-nos sobre uma experiência única de acesso a imagens de arte abstrata para crianças de escolas de periferia de São Paulo:

Um vídeo com as impressões das crianças sobre o trabalho foi produzido e o que mais me impressionou foi o curto e incisivo depoimento de uma criança de 12 anos, pobre, muito pobre, pobreza detectável visualmente, não só através da roupa, mas do gesto e do olhar, que disse: **“Por que nunca ninguém me falou sobre arte abstrata? Gostei muito de entender isso.”** Sonegação de informação das elites para as classes populares é uma constante no Brasil, onde a maioria dos poderosos e até alguns educadores acham que esta história de criatividade é para criança rica. Segundo eles, os pobres precisam somente

aprender a ler, escrever e contar. O que eles não dizem, mas nós sabemos é que, assim, estes pobres serão mais facilmente manipulados. (BARBOSA, 1995, p. 64, negrito da autora)

Ainda, parece-nos haver um desejo de van Steen de coletivizar os objetos arte (sejam eles quais fossem, mesmo que via reprodução), de ajudar para que se aprecie arte e que se publique sobre arte. Esse desejo ela expressa claramente na entrevista dada a Luciano Gonçalves e Rodrigo Simon (2018), quando ela nos diz: “E ainda sou [amiga] de muita gente nova que me manda textos para ler, eu ajudo a publicar. Eu sou um ser coletivo.”

Pois este “ser coletivo” e de muitos amigos parecia desejar que todos tivessem acesso aos prazeres e saberes provenientes das várias formas de arte. Sua agilidade para produzir contos curtos parece ir nessa direção. O objeto de arte não necessitava ser complicado, de difícil acesso, etc, pois deveria chegar a todos.

Falando a Cláudio Portella, van Steen reforça sua escolha pelos contos curtos no livro “Instantâneos” (de 2013). Ela nos diz:

Meus contos são curtos porque eu não tinha tempo, envolvida que eu estava no Roteiro da Poesia Brasileira, além das outras coleções. Foram 50 momentos íntimos. Registros que a minha imaginação construiu para as imagens que eu guardei. Também não acho que sejam “flashes de crônica”. Acho que alguns são mais parentes da poesia. São mesmo contos bem curtos. Tentativa de contar histórias com o mínimo de palavras, deixando que o leitor construa o resto. (VAN STEEN in PORTELLA, 2013, s/p)

Esses instantâneos momentos de leitura de contos nos fazem pensar automaticamente na técnica da fotografia. Parecia haver uma necessidade de levar arte aos leitores/espectadores e deixá-los apreciar o trabalho, terminado-o. Como ela mesma nos diz: “que o leitor construa o resto.” Nesse sentido, van Steen compreendia, com clareza, o papel de recepção de seus textos e a importância ativa dos leitores.

Voltando a falar da atuação da Galeria Múltipla e de sua função de democratização das artes, Paula Alzugaray nos informa sobre o trabalho de van Steen na galeria:

A escritora foi uma das principais agentes de um período crucial, em que a arte brasileira se abria e estabelecia vínculos concretos com o mercado. São Paulo já estava repleta de galerias de arte, mas cabe apontar que a Múltipla, consciente da importância de seu papel nesse sistema, foi a única galeria anunciante nos três números da revista *Malasartes*. (ALZUGARAY, 2018, s/p)

Ainda, a atuação de van Steen em várias frentes artísticas e sua atualidade podem ser notadas nas palavras de Alzugaray (2018):

[...] respondeu aos hábitos de escrita telegráfica que surgiram com as novas mídias sociais. Foi atriz, roteirista, dramaturga e editora de oito coleções literárias. Mas pouco se sabe de sua relevante atuação na arte contemporânea, para a qual ela mesma encontrou uma definição original: editora de obras de arte em série.

Pois essa “editora de obras de arte em série” colocava-se como uma incentivadora das artes através dos pensamentos e conceitos mais atuais na área de artes plásticas, como o da democratização das artes nacionais e da educação através das artes. Seu papel consciente de divulgadora das várias vertentes artísticas parece tê-la impulsionado a ajudar novos talentos no mercado artístico brasileiro e a solidificar outros talentos.

Também, verificamos que Edla van Steen estava imbuída de uma função de movimentadora das artes nacionais e compreendia o papel da sensibilização artística na educação das pessoas. Utilizando as palavras de Décio Pignatari (2011, p. 51), vemos que van Steen fazia poesia sem ser poeta, pois ajudava a criar sensibilidades: “As artes criam modelos para a sensibilidade e para o pensamento analógico. Uma poesia nova, inovadora, original, cria modelos novos para a sensibilidade: ajuda a criar uma sensibilidade nova.”

Nesse sentido, Edla van Steen foi além de escritora de contos “parentes da poesia”, mas criou uma “personagem” capaz de explorar e trabalhar com as mais diversas formas de artes. Ela demonstrou-nos que é possível compreender os distintos sentidos provenientes dos mais diferentes tipos de arte e trabalhar com ele de forma consciente,

criativa e inovadora.

## Considerações finais

Este texto buscou compreender as ações de Edler van Steen enquanto propulsora cultural através da direção da Galeria Múltipla, com a artista Teresa Nazar, e a importância do papel de tal galeria no contexto de democratização das artes pela via da multiplicação de obras escolhidas. Daí a escolha de trabalhar com técnicas de fácil reprodução e grande tiragem.

Verificamos uma escolha em apresentar, na Galeria Múltipla, artistas que fossem gravuristas e fotógrafos (mas não somente esses). Isso confirma as palavras de Paula Alzugaray e nossas observações em relação à preferência por artistas que trabalhassem com essas técnicas.

Ainda, Edla van Steen, enquanto “editora de obras de arte em série”, participou da vanguarda das artes plásticas da década de 1970 no Brasil, mas sempre dialogando com os pensamentos mais complexos em relação à divulgação e à coletivização das artes visuais. Sua clara consciência de dar amplo acesso a trabalhos artísticos refletia uma compreensão da importância de uma arte-educação através do sensível.

Há um papel inegável de van Steen enquanto importante promotora das artes brasileiras e seus artistas, seja em qual tipo de atividade artística fosse. Ela, enquanto “ser coletivo”, acabava por socializar o que via de bom sendo produzido em termos artísticos.

Ainda, voltamos ao nosso conceito de criatividade expandida, pois ele engloba um tipo de criatividade que Edla van Steen detinha com primor. Sua criação literária dialogava com as mais variadas formas de criação artística. Ela parecia deter uma necessidade de abarcar várias áreas das artes e construir um diálogo entre elas. Daí não nos parecer estranho que van Steen trabalhasse ativamente em uma galeria de arte e que expusesse os mais renomados artistas de sua época.

Concluindo nossos pensamentos sobre a atuação de Edla van Steen enquanto

“editora de obras de arte em série” na Galeria Múltipla, podemos compreender com esse “ser coletivo” compreendia as artes em seu diálogo, em sua atividade de potência e de transformação. Daí sua necessidade de democratizar o acesso às artes plásticas para sensibilização e benefício de todos.

### Referências bibliográficas

ALZUGARAY, Paula. Edla múltipla. **SeLect**. Publicado em 03 de agosto 2018. Disponível em < <https://www.select.art.br/edla-multipla/> >. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem triangular. IN: **Comunicação e Educação**. São Paulo, 21, pág. 59 a 64, janeiro/abril de 1995.

BRASIL, Assis. **Dicionário do conhecimento estético**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1984.

GALERIA Múltipla de Arte. IN: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao17185/galeria-multipla-de-arte-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

GONÇALVES, Luciano; SIMON, Rodrigo. 'O texto da mulher é muito forte no Brasil'; leia entrevista inédita com Edla van Steen. IN: **Folha UOL**. Publicado em 6 abr. 2018. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/04/o-texto-da-mulher-e-muito-forte-no-brasil-leia-entrevista-inedita-com-edla-van-steen.shtml> >. Acesso em 19 de janeiro de 2019.

PIGNATARI, Décio. **Informação Linguagem Comunicação**. 19ª edição de ordem. 11ª edição Cultrix. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1997.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 10ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

PORTELLA, Cláudio. As múltiplas faces da escritora catarinense Edla van Steen.

**Revista Biografia**. Entrevista com Edla va Steen, 2013. Disponível em < <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2013/08/as-multiplas-faces-da-escritora.html> >. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

SOUZA, Alcídio M. **Artes plásticas na escola**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1970.

## **SOBRE O AUTOR**

### **Walace Rodrigues**

Pós-Doutor pela Universidade de Brasília (UnB/POSLIT). Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-Graduado (*lato sensu*) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá/SP. Pós-Graduado (*lato sensu*) em Cultura e Literatura pela Faculdade São Luís/SP. Licenciado pleno em Educação Artística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins (GESTO) e no Grupo de Estudos e Pesquisa em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais, ambos da Universidade Federal do Tocantins (UFT) CAPES/CNPq

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5195497710570480>

---

**Recebido em novembro de 2020.  
Aceito para publicação em abril de 2021.**